Manuel: Bandeira de Uma Língua, de Maria Aparecida Ribeiro (2025)

10.29073/naus.v9i1.1181

Recebido: 13 de maio de 2026.
Publicado: 6 de junho de 2026.

Autor/a: Ângela Faria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, decarvalhofariaangelabeatriz@gmail.com.

Maria Aparecida Ribeiro[1], exímia pesquisadora na "Arte do Arquivo" e seduzida pela poética de Manuel Bandeira, ao ofertar-nos, no ano passado, *Manuel, Bandeira de Uma Língua*, e ao utilizar-se de obras literárias, antologias, documentos, registros históricos e materiais de arquivo como matéria-prima para a sua criação, desvenda-nos uma nova e ampla interpretação da obra do consagrado poeta brasileiro pernambucano que revolucionou a língua literária no Brasil. Aquele que, dotado de "alumbramento" erótico e místico, ao deter uma singular herança cultural e ao fazer "versos de desalento e de desencanto", inaugura de forma arlequinal a poética da libertação. "Farto do lirismo comedido" e "bem comportado", o poeta prefere o "lirismo dos loucos, dos bêbedos e dos *clowns* de Shakespeare".[2] Logo, como não se apaixonar pela sua obra? Como não sentir empatia pela voz cujo fascínio da infância permanece na vida adulta? E cujo "Itinerário de Pasárgada" torna-se ora reflexo especular de evasões para *topoi* paradisíacos, ora virá a ser parodiado pelas vozes ideológicas e contestatórias? Tudo isso está delineado na obra recém-publicada de Maria Aparecida Ribeiro, aqui apresentada, e que resulta de um consistente, rigoroso e apaixonado trabalho da pesquisa iniciado há cerca de dez anos.

A autora, ao impedir, na época contemporânea, que o autor "morra de corpo e alma completamente",[3] mostra a repercussão da sua obra literária em Portugal, no Brasil e nos países africanos de língua portuguesa (Cabo Verde, Angola, São Tomé, Moçambique e Guiné- Bissau [4]). Ao privilegiar os diálogos e interlocuções de seus textos, a ensaísta reveste o autor de um significado que o aproxima da "estrela do amanhã" tão esperada e desejada e encontrada, na época da sua adolescência, num encontro fortuito, dentro de um ônibus no Rio de Janeiro. E, em sua idade adulta, transfere tal encanto inicial para um estudo singular da sua criação literária que se tornará uma referência acadêmica na área de estudos sobre as literaturas de língua portuguesa. Ao focalizar a obra bandeiriana de forma caleidoscópica — há temas que se vão e vem multiplicando e revezando — Aparecida Ribeiro espraia a criação do autor a outros países da Europa e das Américas, ressaltando as traduções para Francês, Alemão, Inglês e Espanhol. E destaca, com sensibilidade e conhecimento de causa, o entretecimento e a intertextualidade da obra de Manuel Bandeira com a música: a escritura de poemas musicados por Ovalle, Villa-Lobos, Mignone; as adaptações populares (literatura de cordel, modinhas e sambas-enredo) e eruditas ("o primeiro livro — *Carnaval* — tem o título inspirado numa composição homônima de Schumann") (Ribeiro, 2025, p. 181). Afinal, o próprio autor, ao devassar os seus sentimentos mais íntimos, pronuncia-se: "Não há nada no mundo que eu goste mais do que de música. Sinto que na música é que conseguiria exprimir-me completamente." (Bandeira, 2020: 49, v.2 *apud* Ribeiro, 2025, p. 181). E o poeta continuaria a ser revisitado, através de composições musicais, por inúmeros compositores e cantores brasileiros, entre eles, Tom Jobim, Gilberto Gil, Mílton Nascimento, Dorival Caymmi, Mônica Salmaso, Djavan. Além disso, também constam do livro inúmeras provocações e discussões, passíveis de refletirem os pensamentos e

[1] Professora da Universidade de Coimbra, com Agregação (Centro de Literatura Portuguesa).
[2] Ver "Poética", poema inserido em *Libertinagem*. In: Manuel Bandeira, *Poesia completa e prosa* (volume único) (Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1986), p. 207.
[3] Versos retirados de "A morte absoluta". In: Manuel Bandeira, *Poesia completa e prosa* (volume único) (Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1986), p. 253.
[4] Aqui, torna-se necessário a abertura de um parênteses, derivado das reflexões críticas da Professora Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco, a respeito da ausência de diálogo ou de interlocução de Manuel Bandeira com os poetas da Guiné-Bissau. Segundo ela, a literatura ali produzida, "entre 1945 e 1977, 'caracterizava-se por uma dicção guerrilheira e nacionalista, que combatia, criticamente, o colonialismo português, a miséria, a exploração." (Secco, 2011: 54 *apud* Ribeiro, 2025, p. 137).

sentimentos inerentes às personalidades dos intelectuais que tão bem sabem trocar ideias e "farpas", a partir de um humor singular e de olhares transversos.

E, como "Um poeta nunca sabe /onde sua voz termina"[5] ou começa (diríamos nós), a estudiosa e pesquisadora parece também desconhecer limites, uma vez que, com inteligência e perspicácia tão suas, consegue ultrapassá-los. Por isso, as reflexões críticas apresentadas baseiam-se em obras literárias, cartas e correspondências, jornais, periódicos, livros, antologias, dedicatórias, dissertações de mestrado e teses de doutoramento[6], partituras musicais e peças de teatro. Entre os arquivos — brasileiros e estrangeiros consultados -, encontram-se os da Fundação Casa de Rui Barbosa (Arquivo Museu de Literatura Brasileira), Espaço Pasárgada (criado pela FUNDARPE, por ocasião do centenário do poeta), Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (Espólio Cleonice Berardinelli), Academia Brasileira de Letras, Biblioteca Vila do Conde, Biblioteca Municipal de Coimbra, Museu do Neo-realismo e ISTE (Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (on line) com a reprodução bibliográfica do catálogo/ listagem da Torre do Tombo, entre outros. E Aparecida Ribeiro chega até a descobrir e a nos revelar correspondências encontradas entre as páginas dos livros de Manuel Bandeira doados às diversas Instituições — resquícios de registros da memória intelectual e social inerentes ao poeta. E, através do humor, relata-nos curiosas e inesperadas atitudes do autor escolhido que, ao habitar um prédio da Av. Beira Mar, no Rio de Janeiro, chegou a atirar pela janela do oitavo andar livros de autoria de um dos seus desafetos. E, por vezes, ao comentar determinados poemas, a ensaísta divulga, ratifica, contesta e amplia as opiniões presentes na fortuna crítica existente, como por exemplo, as de Ribeiro Couto, Antônio Cândido, Gilda de Mello e Souza, Davi Arriguci Júnior, Casais Monteiro, Jorge de Sena, José Régio, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco e tantos outros. Entre as inúmeras opiniões críticas sobre a obra de Manuel Bandeira, por exemplo, ressalta-se a de Antônio Cândido que, ao decifrar "a reversibilidade entre secura e ternura, no plano léxico, no sintático e no espiritual, para formar o mundo, ou melhor, a dialética da sua poesia" (Cândido *apud* Ribeiro, 2025, p.17), nos oferta uma síntese da postura assumida pelo poeta brasileiro que se tornou universal. Convém ressaltar: a autora acaba por mostrar que o "São João Batista do Modernismo" (alcunha atribuída a Manuel Bandeira por Mário de Andrade) possui faces aparentemente contraditórias: embora tenha "defendido o português do Brasil" contra o "macaquear da sintaxe lusitana" não deixa de ser influenciado por Camões e Antônio Nobre — imortalizados nos sonetos dedicados a eles e inseridos em *A Cinza das Horas* — e, ao mesmo tempo que critica o "Manifesto da Poesia Pau Brasil" e determinadas atitudes inconcebíveis de Oswald de Andrade, rende-se à sua sedução, manifesta na "perigosa e deliciosa ingenuidade nos olhos" da "criança pervertida" (Bandeira, *apud* Moraes, in Ribeiro, 2025, p. 305). Aliás, o real motivo da discórdia entre ambos os poetas é um enigma que a pesquisadora ainda tenta decifrar.

Ao focalizar o "cantor da liberdade poética, da liberdade linguística e da liberdade política" (Ribeiro, 2025, p.85), capaz de tecer críticas ao Estado Novo de Getúlio Vargas, às ditaduras de Franco (Espanha) e de Salazar (Portugal), a autora revela a troca de ideias com os escritores portugueses cujas obras são marcadas pela preocupação social, tais como Carlos de Oliveira — autor de *Terra da Harmonia* — e a sua estranheza pelo fato de Manuel Bandeira não ter registrado a sua indignação às vésperas da decretação do "Ato Institucional n. 5", no Brasil, em 1968, pouco antes de morrer.

Após ter lido todas as obras do autor: poesia completa (*A Cinza das Horas*, *Carnaval*, *O Ritmo Dissoluto*, *Libertinagem*, *Estrela da Manhã*, *Lira Dos Cinquent' Anos*, *Belo Belo*, *Opus10*, *Estrela da Tarde*, *Mafuá do Malungo*) e prosa (*Crônicas da Província do Brasil*, *Flauta de Papel*, *Ensaios Literários*, *Crítica de Arte e Andorinha Andorinha*), Maria Aparecida Ribeiro efetua uma consistente revisão bibliográfica e tece reflexões críticas próprias que se entretecem às pesquisadas. Ao organizar o seu livro, opta pela seguinte forma:

---

[5] Epígrafe da obra resenhada: verso retirado do poema "Autorretrato", de Antonio Carlos Secchin, em *Desdizer e Antes* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2017), p. 39.

[6] Ver Adriana Lisboa, tese-romance *Um beijo de colombina* (2003). Ao estabelecer um diálogo com Manuel Bandeira, os títulos dos capítulos são homônimos de poemas do autor.

- Introdução.
- 1. Bandeira e a Língua Portuguesa (por ele mesmo e com o auxílio de Mario de Andrade)
- 2. Ribeiro Couto e a difusão da poesia bandeiriana
- 3. Circulações (itens e subitens referentes às dedicatórias, diálogos e interlocuções com os poetas portugueses acrescidos da difusão de Bandeira por Villaret)
- 4. Permanência de Bandeira em Portugal
- 5. Bandeira e os escritores africanos (itens e subitens relacionados à aceitação e à recusa da proposta poética bandeiriana nos diversos países do continente africano)
- 6. Bandeira no Brasil (itens e subitens que focalizam a repercussão da poética bandeiriana no cordel, na música, no carnaval, na produção ficcional contemporânea, na literatura infantil e no teatro)
- 7. Bandeira continua
- 8. Bandeira de uma língua e Referências Bibliográficas.

Observa-se que, após cada capítulo, o leitor depara-se com uma síntese didática do que foi explanado. *Manuel, Bandeira de Uma Língua* caracteriza-se pelos estilos disseminativo e recolectivo — tão caros à autora. E o leitor agradece, inclusive, as elucidativas notas de pé-de-pagina presentes em determinados capítulos. Deste modo, a competente professora-pesquisadora, ao descortinar os arquivos consultados, nos revela as interpretações da realidade indexada e as várias faces do poeta. Bandeira passa, portanto, a ser uma "estrela a luzir na vida" dela e na nossa — leitores privilegiados das descobertas que nos serão reveladas capítulo por capítulo.

No decorrer da pesquisa empreendida, encontram-se citadas inúmeras referências a diversos escritores consagrados (nomes a serem descobertos pelo futuro leitor da obra), além de Revistas que revelam as coordenadas e interlocuções espaciais e temporais do autor brasileiro, não só em Portugal, como no continente africano. A colaboração e releitura de Manuel Bandeira surge, entre outras tantas publicações, em "Presença", "Atlântico", "Revista de Portugal", "Seara Nova", "Litoral", "Descobrimento", "Cidade Nova", "Mensagem", "Panorama", "Prometeu" e "Távola Redonda" (Portugal) e a sua recusa ou omissão em "Claridade" (Cabo Verde). Interessante observar, por exemplo, como "os motivos de evasão e alumbramento são incorporados e transfigurados pelos escritores africanos em outro contexto sócio-político e cultural" (Ribeiro, 2025, p.137). Observar-se-á, assim, entre outros *topoi*, reincidentes na cena literária, "a oscilação entre os registros culto e popular de origem europeia, indígena e africana". Ao trazer para a cena poética a figura transfigurada da "Mãe d'Água" (Ribeiro, 2025, p.136), por exemplo, a autora revela não só os itinerários dos vocábulos como os das crenças e mitos que sustentam a cultura de diversas civilizações. Lembremo-nos de que desde *A Cinza das Horas* Manuel Bandeira, ao intitular um dos seus poemas, "Versos escritos n'água", pressupõe a inscrição, a imaginação e a comoção do leitor, na sua arte poética, através do "sonho", da "tristeza", do "júbilo" ou da "sombra da beleza". Versos que se escoam como água e que se espraiam como as ondas da praia — morada dos olhos verdes da atriz de cinema e musa norte-americana, Ava Gardner que, ao se hospedar num hotel na Av. Atlântica, surge retratada em "Cossante", reiteradamente através do refrão e do neologismo que funde mulher e natureza: "Ai Avatlântica" (*Lira dos Cinquent'Anos*). Verso e Prosa que vêm a ser retomados em diversos países estrangeiros, como comprova o último capítulo do livro aqui resenhado — "Bandeira de uma língua" -, em que o nome próprio do poeta brasileiro pode ser lido como substantivo comum: representação de uma identidade própria, bandeira ou emblema significativo de uma pátria, aqui, sem limites geográficos definidos. Verso e Prosa que se espraiam por vários continentes que se confraternizam em torno da literatura singular de um autor e de uma "língua sem fronteiras, onde caiba a língua do povo" (Ribeiro, 2025, p. 131), "língua certa do povo/ língua errada do povo / porque ele é que fala gostoso o Português do Brasil." (Bandeira, 1958, v.1, p. 200 *apud* Ribeiro, 2025, p. 131). No entanto, convém ressaltar, na postura democrática, estética e ética de Manuel Bandeira, a coexistência das interlocuções populares e eruditas, como comprovam "os ecos camonianos, os fragmentos de António Nobre e as dicções de Eugênio de Castro." (Ribeiro, 2025, p.131)

Maria Aparecida Ribeiro — sobredestinatária perfeita desejada pelos autores — em *Manuel, Bandeira de uma Língua* — focalizará, inclusive, a presença da obra do poeta no teatro. Ao citar a peça "O Balão que caiu no mar", de Odilo Costa Filho, e ao consultar o "Correio da Manhã" (1949), a autora, ao descobrir uma entrevista com o

autor, comenta e decifra — com clareza e precisão — todas as referências contextuais e intertextuais presentes na cena teatral.

A ensaísta não para no tempo e a sua inquietação intelectual leva-a a olhar para a contemporaneidade (século XXI) e a descobrir a presença da reverberação da poética bandeiriana em produções literárias recentes e em depoimentos de renomadas ou quase anônimas figuras. Ao terminar a leitura desse livro, só nos resta perguntar à autora e aos seus prováveis leitores: "Que livros do poeta Manuel Bandeira você levaria para Pasárgada?"[7]

Difícil escolha, após o conhecimento tão bem compartilhado, presente em *Manuel, Bandeira de Uma Língua* — livro que nos seduz desde a sua capa. A partir da infografia de Pedro Bandeira, deparamo-nos, com as cores da bandeira brasileira (verde, amarelo e branco) presentes nas letras do título, na extensão de toda a capa e na imagem do autor (Retrato de Manuel Bandeira, Museu Histórico Nacional/ IBRAM/Minc) — rosto envolto em sombra e claridade a ser decifrado. Como resistir à sua leitura?

Referências Bibliográficas

Bandeira, M. (1986). *Poesia completa e prosa* (Vol. único). Editora Nova Aguilar S.A. (Biblioteca Luso-Brasileira — Série Brasileira).

Ribeiro, M. A. (2025, julho). *Manuel, Bandeira de uma língua*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a Declarar.

Todo o conteúdo da ***NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais*** é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.

[7] Parafraseando a Cinemateca Portuguesa, instituição cultural que, como nos relata Maria Aparecida Ribeiro, organizou várias sessões sob o título 'Que livro(s)levarei para Pasárgada?'. Na ocasião, "os organizadores pediram aos convidados que falassem dos livros de suas vidas." E, por incrível que pareça, apesar da alusão ao poema de Manuel Bandeira, nenhum participante o citou. (Ribeiro, 2025, p. 300).